

PROVA ESCRITA DE LÍNGUA PORTUGUESA

- Nesta prova, faça o que se pede, utilizando, caso deseje, o espaço indicado para rascunho. Em seguida, escreva os textos definitivos da redação e dos exercícios no **Caderno de Textos Definitivos da Prova Escrita de Língua Portuguesa**, nos locais apropriados, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos. Respeite o limite máximo de linhas disponibilizado. Qualquer fragmento de texto além desse limite ou quaisquer palavras que ultrapassem os limites máximos estabelecidos serão desconsiderados. No **Caderno de Textos Definitivos da Prova Escrita de Língua Portuguesa**, utilize apenas caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
- Na avaliação da redação, será atribuído à organização do texto e ao desenvolvimento do tema o valor máximo de **30,00 pontos**, e à correção gramatical e à propriedade da linguagem, o valor máximo de **30,00 pontos**, o que totalizará os **60,00 pontos** possíveis. Será atribuída nota 0 (zero) à redação ou ao exercício **que não se atenha ao tema proposto ou que obtenha pontuação 0,00 (zero) na avaliação da correção gramatical e da propriedade da linguagem.**
- Na avaliação de cada exercício de interpretação, de análise ou de comentário de textos, será atribuído à apresentação e ao desenvolvimento do tema o valor máximo de **10,00 pontos**, e à correção gramatical e à propriedade da linguagem, o valor máximo de **10,00 pontos**, o que totalizará os **20,00 pontos** possíveis.
- Será apenas o texto que não atender ao número mínimo de palavras, deduzindo-se **0,20 ponto** para cada palavra que faltar para o completamento do mínimo exigido na redação e em cada um dos exercícios.

PARTE I – REDAÇÃO

Há hoje, entre nós, numerosos salvadores e “grandes” pregadores do espírito nacional. A lembrança de Camões, mais ou menos estruturada à fisionomia ardente de Péguy, incita nossos escribas, determinados a desvendar o segredo das agruras políticas que nos castigam. Que Deus me afaste de semelhante infantilidade, de tão enfatuada tolice. Se procuro com certa insistência aquilo que poderia me indicar a marca de um “espírito brasileiro”, é para definir a mim mesmo e encontrar em meu íntimo a permanência desses valores nacionais que determinam a existência de um verdadeiro escritor. E, se assim procedo, é exatamente porque não sinto muito vivas as minhas raízes, sofro antes de uma carência que me põe constantemente inquieto e me faz debruçar sobre todos esses tristes problemas com um mal-estar que se avizinha da repugnância. Não fossem a certeza de que uma essência verdadeira existe, em qualquer escuro desvão desse país de ambições diminutas (a ambição, como o apetite, é um dos sintomas mais vivos de vitalidade), e a certeza sobre o fato de podermos adaptar livremente nossos sonhos de realidade e sobrevivência, talvez de há muito tivesse deixado de remoer essas questões; resta que não somos escritores em vão, como um instrumento vibrado pelo vento: nosso destino, queiramos ou não, está estreitamente vinculado à terra em que nascemos. Deus me livre de ser um artista exótico e sem nacionalidade, um desses despaisados que se adaptam a qualquer lugar e que compõem os buracos de qualquer paisagem necessitada... Antes de sermos identificados à terra obscura que nos gerou, jamais poderemos atingir a posição de lucidez e de calma — e, por que não acrescentar, de luminosa humildade — que nos colocará acima dos litígios, estreitamente vinculados à voz que exprime o que de mais saudável e de mais profundo caracteriza a fisionomia permanente de um povo.

Lucio Cardoso. **Diário completo**. Rio de Janeiro: José Olympio/INL, 1970, p. 54-5 (com adaptações).

Tendo por fundamento as ideias defendidas pelo autor do texto acima, discuta o que é ser um diplomata brasileiro.

Extensão do texto: 600 a 650 palavras

[valor: 60,00 pontos]

PARTE II – EXERCÍCIO 1

Papai [João Guimarães Rosa] definia a inspiração como “um estado de transe”. Num dos prefácios de Tutameia, ele faz uma espécie de catarse, um desabafo, descrevendo a variedade de centelhas inspiradoras que se acendiam em sua imaginação: “Conversa de bois”, um dos contos de Sagarana, ele “recebeu” de manhã, completo, facilmente, substituindo a versão penosa e muito trabalhada que escrevera na noite anterior. E assim escreveu papai: “Só sei que há mistérios demais, em torno dos livros e de quem os lê e de quem os escreve. Às vezes, quase sempre, um livro é maior que a gente.”

Vilma Guimarães Rosa. **Relembrações: João Guimarães Rosa, meu pai**. 4.ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014 (com adaptações).

A poesia não é inspiração pura, é trabalho; não é só ficar esperando que o santo baixe, é preciso puxar o santo pelos pés e isso dá trabalho; esse é o trabalho poético...

Mário Quintana. *In*: Giovanni Ricciardi. **Auto-retratos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Eu não acredito em inspiração nem sou poeta inspirado. O ato de criação para mim é intelectual. Acredito na expiração. Nunca escrevi um poema inspirado, soprado pelo Espírito Santo. Isso eu não sei o que é...

João Cabral de Melo Neto. *In*: **Correio Brasileiro**, 18/1/1998.

A partir da leitura dos excertos de texto acima, discorra sobre o valor da “inspiração” e da “expiração” para o trabalho.

Extensão do texto: 120 a 150 palavras
[valor: 20,00 pontos]

PARTE II – EXERCÍCIO 2

Os senhores todos conhecem a pergunta famosa universalmente repetida: “Que livro escolheria para levar consigo, se tivesse de partir para uma ilha deserta?”.

Vêm os que acreditam em exemplos célebres e dizem naturalmente: “Uma história de Napoleão”. Mas uma ilha deserta nem sempre é um exílio... Pode ser um passatempo... Os que nunca tiveram tempo para fazer leituras grandes pensam em obras de muitos volumes. É certo que numa ilha deserta é preciso encher o tempo... E lembram-se das **Vidas** de Plutarco, dos **Ensaio**s de Montaigne, ou, se são mais cientistas que filósofos, da obra completa de Pasteur. Se são uma boa mescla de vida e sonho, pensam em toda a produção de Goethe, de Dostoiévski, de Ibsen. Ou na Bíblia. Ou nas **Mil e Uma Noites**.

Pois eu creio que todos esses livros, embora esplêndidos, acabariam fatigando; e, se Deus me concedesse a mercê de morar numa ilha deserta (deserta, mas com relativo conforto, está claro — poltronas, chá, luz elétrica, ar-condicionado), o que levava comigo era um dicionário.

Não sei se muita gente haverá reparado nisso — mas o dicionário é um dos livros mais poéticos, se não mesmo o mais poético dos livros. O dicionário tem dentro de si o Universo completo. O dicionário é o mais democrático dos livros. O dicionário explica a alma dos vocábulos: a sua hereditariedade e as suas mutações.

A minha pena é que não ensinem as crianças a amar o dicionário. Ele contém todos os gêneros literários, pois cada palavra tem seu halo e seu destino — umas vão para aventuras, outras para viagens, outras para novelas, outras para poesia, umas para a história, outras para o teatro.

Eu levaria o dicionário para a ilha deserta. O tempo passaria docemente, enquanto eu passeasse por entre nomes conhecidos e desconhecidos, nomes, sementes e pensamentos e sementes das flores de retórica. Poderia louvar melhor os amigos, e melhor perdoar os inimigos, porque o mecanismo da minha linguagem estaria mais ajustado nas suas molas complicadíssimas. E, sobretudo, sabendo que germes pode conter uma palavra, cultivaria o silêncio, privilégio dos deuses, e ventura suprema dos homens.

Cecília Meireles. **O livro da solidão**. In: Cecília Meireles - **Obra em prosa**, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 270 (com adaptações).

Comente a opção de Cecília Meireles de levar um dicionário para uma ilha deserta e aponte, na conclusão, justificando sua escolha, que livro levaria consigo, caso estivesse na mesma situação da autora.

Extensão do texto: 120 a 150 palavras

[valor: 20,00 pontos]

PARTE I – REDAÇÃO – RASCUNHO 1/5

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

PARTE I – REDAÇÃO – RASCUNHO 2/5

31	
32	
33	
34	
35	
36	
37	
38	
39	
40	
41	
42	
43	
44	
45	
46	
47	
48	
49	
50	
51	
52	
53	
54	
55	
56	
57	
58	
59	
60	

PARTE I – REDAÇÃO – RASCUNHO 3/5

61	
62	
63	
64	
65	
66	
67	
68	
69	
70	
71	
72	
73	
74	
75	
76	
77	
78	
79	
80	
81	
82	
83	
84	
85	
86	
87	
88	
89	
90	

PARTE I – REDAÇÃO – RASCUNHO 4/5

91	
92	
93	
94	
95	
96	
97	
98	
99	
100	
101	
102	
103	
104	
105	
106	
107	
108	
109	
110	
111	
112	
113	
114	
115	
116	
117	
118	
119	
120	

PARTE I – REDAÇÃO – RASCUNHO 5/5

121	
122	
123	
124	
125	
126	
127	
128	
129	
130	
131	
132	
133	
134	
135	
136	
137	
138	
139	
140	
141	
142	
143	
144	
145	
146	
147	
148	
149	
150	

PARTE II – EXERCÍCIO 1 – RASCUNHO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

PARTE II – EXERCÍCIO 2 – RASCUNHO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

 **cespe**

 **Cebraspe**

Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação
e Seleção e de Promoção de Eventos